



APRESENTAÇÃO

Abordagens Decoloniais na Literatura

Thays Keylla de Albuquerque¹

Tiago Silva²

Carlos Magno Gomes³

O Gepiadde traz a público o volume 35, número 1, da **Revista Fórum Identidades**, referente ao primeiro semestre de 2022, jan-jun. Esta edição é composta por volume temático sobre **Abordagens decoloniais na Literatura**, com destaque para obras contemporâneas produzidas, sobretudo, por escritores e escritoras latino-americanos e africanos, muitas vezes em trânsito ou vivendo em outras regiões do mundo, vivenciando situações de diáspora e/ou deslocamento cultural, bem como o desafio de reestabelecer os vínculos com o lugar, muitas vezes, em contato com epistemes culturais forjadas a partir de ideais, de lógicas coloniais opressivas e desumanizantes.

Os estudos decoloniais propõem a revisão crítica dessa gramática explicitando os diferentes sistemas de violências impostos pelo colonialismo europeu. Um dos paradigmas da decolonialidade, proposto por Quijano (2005), questiona a postura colonizadora do sistema-mundo capitalista, que usa traços fenóticos e a identidade etnocultural como elementos de classificação da população, para colocar, econômica e culturalmente, povos dominados como inferiores e subalternos, configurando-os/nos, portanto, como passíveis de uma exploração, muitas vezes justificada pelas ideias de missão civilizatória e de progresso econômico. Dessa forma, uma estratégia interpretativa que parte desses estudos propõe revisar as estruturas fixas das relações identitárias, organizadas a partir dessa lógica ocidental/ocidentalizante de modo a manter o privilégio do homem branco, europeu, heterossexual e cristão, para contestar a dicotomia entre branco superior e colonizado inferior, que continua violentando a diversidade de ser no mundo.

¹ Doutora pelo PPGL/UFPE, em 2020. Professora efetiva de Língua Espanhola Da UEPB (Campina Grande). Integra o Grupo de Estudos de Literatura e Crítica Contemporâneas (GELCCO, CNPq/UEPB). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0735-4250>. E-mail para contato: tk.albuquerque@gmail.com.

² Professor de Língua e Literaturas de Língua Inglesa no Instituto de Letras da UFBA. Doutor em Letras pela UFPE (2018) com estágio pós-doutoral em Letras pela UFS (2021). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0615-9357>. E-mail: tiago.bs@ufba.br.

³ Professor do Proletras e do PPGL da UFS. Pesquisador produtividade CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9070-9010>. E-mail: calmag@bol.com.br.

Em pesquisas decoloniais, a lógica normatizada pelo poder da colonialidade e fundamentada pela retórica da modernidade é questionada por abordagens epistêmicas, teóricas e políticas capazes de repercutir as vozes e as perspectivas dos sujeitos colonizados pela violência estrutural. Para pensadores/as latino-americanos/as, como A. Quijano (2005), G. Anzaldúa (2019), M. Lugones (2014) e W. Mignolo (2007), os estudos da decolonialidade proporcionam, por um lado, uma crítica aos discursos do silenciamento da violência e terror sofridos pelos colonizados pelo sistema capitalista patriarcal. Por outro lado, conferem ferramentas de emancipação dessa condição, já que fornecem ferramentas que permitem, nas palavras da portuguesa Grada Kilomba (2019, p. 28), tornar-se “narradora e a escritora da [...] própria realidade, a autora e a autoridade da [...] própria história.”

Dessa maneira, uma abordagem decolonial contesta as verdades impostas pela colonização do discurso de superioridade eurocêntrica e explicita a “lógica opressiva da modernidade colonial” como indica María Lugones ao reconhecer que precisamos ir além e desmistificar a colonialidade de gênero, que considera as mulheres duplamente inferiores aos homens colonizados. Entre esses sujeitos, estão mulheres amefricanas e indígenas, por exemplo, que questionam as opressões biológicas, como destaca Lélia Gonzalez (2019) sobre o proletariado afro-latino-americano. Para essas pensadoras, Gonzalez e Lugones, a estratégia decolonial vai além dos filtros ideológicos para privilegiar a performance feminista decolonial.

Paralelamente, a abordagem decolonial fornece meios para que possamos refletir sobre nossa função e atuação no mundo. Para Édouard Glissant (2005, p. 120), essa possibilidade de refletir sobre si é o que caracterizaria a libertação: “Se isto não acontece, então essa libertação é inútil, porque significa que ele continua dominado e oprimido”. Falar da própria experiência, politizar o pessoal é um jeito de resistir à colonialidade e ir contra todos os vários tipos de sujeição, tornando-se, portanto, decolonial, o que, em última instância, seria caracterizado pela rebeldia contra a colonialidade do poder. Em outros termos, nesse movimento, assumiríamos a impossibilidade de se pensar a partir de uma racionalidade emprestada, que não dialoga com o que se vive, com o que se sente no corpo, com o jeito próprio que se tem de se relacionar com o mundo (GROSFOGUEL, 2016).

Essa crença-base do pensamento ocidental tem transformado a estrutura do conhecimento do mundo ocidentalizado em centros de reprodução do racismo/sexismo epistêmico que fundamenta a manutenção do privilégio ocidental, alçando o homem branco heterossexual europeu à condição de deus da racionalidade, construindo, para esse homem-parâmetro, um privilégio epistêmico que se sustenta até hoje – “um tipo de cartesianismo idolátrico” –, constituindo aquilo que Grosfoguel (2016) define como sendo sua tese: o homem branco europeu he-

terossexual bem como o conhecimento que produz se confundem com o olho de Deus, reduzindo as outras subjetividades e experiências à barbárie, a uma irracionalidade. Essa ideia só se sustenta em razão do desequilíbrio econômico entre os povos que possuem o privilégio e os povos que foram reduzidos e expropriados no processo de constituição do capitalismo globalizado que organiza a vida. E é essa organização e esse desequilíbrio que queremos ver transformados.

Portanto, por essa perspectiva, decolonizar é revisar a herança pós-colonial a partir do lugar de resistência das diferentes identidades menosprezadas pela colonialidade do poder. Assim, além da denúncia da violência, os trabalhos aqui apresentados pretendem contribuir para a consecução da autonomia e da liberdade que pode nos tornar – povos colonizados do mundo – oposição aquilo que “o projeto colonial predeterminou” (KILOMBA, 2019, p. 28). A partir dessa discussão, organizamos este volume com artigos inéditos que analisam textos literários produzidos por escritoras e escritores que revisam o processo de colonização da América Latina e da África por meio do reconhecimento da necropolítica do discurso colonizado para valorizar o lugar de fala e estratégias de resistência de grupos historicamente marginalizados como as mulheres, os/as afrodescendentes, os/as nativos/as, os grupos LGBTQIA+.

Abrimos o volume com o artigo RELIGIÃO COMO ARMA: CRISTIANISMO E DOMINAÇÃO COLONIAL NA LITERATURA, de autoria de **Tiago Silva**. O texto traz a público o debate sobre as delicadas relações entre literatura e religião a partir da análise das obras *Things Fall Apart*, de Chinua Achebe (2017), *Purple Hibiscus*, de Chimamanda Ngozi Adichie (2017), e *A Queda do Céu*: palavras de um xamã yanomami, de Davi Kopenawa e Bruce Albert (2019). Nessas obras, a religião é usada como uma estratégia de *Soft Power* para desarticular e dividir comunidades tradicionais, facilitando a reorganização das comunidades em termos mais benéficos para o capitalismo, dialogando com o processo histórico-cultural de inferiorização dos colonizados, que faz parte dos processos epistemicidas silenciosos que continuam a ecoar na atualidade, através da África e das Américas, na presença de missionários incumbidos de difundir a palavra de Deus.

Logo depois, em CORPO-DOCUMENTO E MAAFA NO CONTO “ROLÉZIM”, DE GEOVANI MARTINS, **Aza Njeri** e **Janda Montenegro** analisam o conto “Rolézim”, de Geovani Martins, tomando como referencial o conceito de “corpo-documento”, de Beatriz Nascimento e do arquétipo do “Senhor do Ocidente”, proposto por Quijano, que questiona a homogeneização alienadora do *Outro* como uma estratégia de apagamento das contribuições civilizatórias negras na história da humanidade. No texto analisado, as autoras constatarem que a literatura registra a identidade e sobrevivência na Maafa desse “corpo-documento”.

Em **AS ESCREVIVÊNCIAS EM MARYSE CONDÉ e JEFFERSON DE E O PACTO DA BRANQUITUDE NA DIÁSPORA NEGRA**, **Alessandra Corrêa de Souza** faz diferentes reflexões sobre práticas cotidianas (des)coloniais. A autora problematiza as mortes físicas e simbólicas das personagens do romance: *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem*, de Maryse Condé, e do filme: *M-8 Quando a Morte Salva a Vida*, de Jefferson De. O artigo retoma importantes conceitos decoloniais para questionar o pacto da branquitude alcinado por Cida Bento para além do texto literário. A autora dá visibilidade aos acordos “silenciosos” da mídia brasileira na forma de anunciar crimes praticados por brancos e negros, nos quais a autoria criminosa de brancos é relativizada e a de negros é intensamente valorada. A reflexão é construída com base nas contribuições de Silvio Almeida e Achille Mbembe, que questionam a presença da narrativa eurocêntrica nas políticas públicas, inclusive judiciárias.

Em **IDENTIDADE HÍBRIDA EM MULHERES DE CINZAS, DE MIA COUTO**, **Denise Rocha** apresenta um estudo histórico sobre a obra *Mulheres de cinzas* (2015), de Mia Couto, levando em conta o conceito de “metaficção historiográfica”, de Linda Hutcheon, para analisar como história e ficção se confundem na tessitura do escritor angolano. O ensaio traz diversas referências a forma como os moçambicanos foram expropriados de suas terras além de um estudo sobre a questão do pertencimento de Imani, uma mulher negra imersa nas relações de exploração no próprio clã e na ideologia colonial portuguesa. Por meio de uma abordagem que perpassa questões da dominação masculina de P. Bourdieu e a decolonialidade de gênero de María Lugones, a autora conclui que Imani se identifica com sua tribo, a VanChopi, e cede sua individualidade para narrar a vida de seu clã e do último Imperador de Gaza, no ano de 1895.

Em **DO ESTEREÓTIPO FURTIVO: QUANDO A MASCULINIDADE SE APROPRIA DO DISCURSO**, **Fernanda Fernandes Pimenta de Almeida Lima e Kattiuce Maria Serra** fazem um estudo sobre as representações das identidades do homem e da mulher no livro *Gatão de meia-idade: primeiras tiras*, do autor Miguel Paiva (2008), levando em conta as perspectivas teóricas da Análise do Discurso francesa e da perspectiva bakhtiniana dos gêneros discursivos. As autoras constatarem que a exploração das questões de gênero atrelada às especificidades das HQs impulsiona a motivação dos/das estudantes. A abordagem questiona os sentidos da masculinidade do protagonista, um homem de meia idade, que repete estereótipos machistas para namoradas, identificados pela via da ambiguidade do texto literário.

Em **UTOPIA E DECOLONIALIDADE EM O PAÍS DAS MULHERES, DE GIOCONDA BELLI**, **Giovanna de Araújo Leite** propõe uma reflexão sobre as questões da colonialidade a partir da interpretação das estratégias feministas usadas pelas mulheres dessa obra, Viviana Sansón e suas companheiras, para enfraquecer o patriarcado, excluindo os homens dos serviços públicos. Além disso, a

obra desloca o espaço doméstico para um lugar de revisão do machismo ao propor que os homens só sejam remunerados por seu trabalho nesse espaço. Essa estratégia utópica funciona como uma miragem de uma Nicarágua mais igualitária, na qual o patriarcalismo é combatido como um mal social, seguindo as perspectivas propostas do feminismo utópico de Deplagne.

Logo em seguida, em *A IMPUNIDADE DOS FEMINICÍDIOS NO MÉXICO E NA ARGENTINA*, **Juliana dos Santos Santana** propõe um estudo comparado das representações dos crimes contra mulheres nas narrativas de Roberto Bolaño, *2666* (2004), sobre os casos de Ciudad Juárez, e de Selva Almada, *Chicas muertas* (2014), sobre crimes de mulheres que não foram solucionados. Este estudo prioriza uma investigação sobre a impunidade que se sucedeu em diversos casos de feminicídios nos dois países. Além disso, com base na crítica feminista, de Marcela Lagarde, de Rita Segato, María Lugones e Julia Fragoso, a pesquisadora constata que a violência contra as mulheres está relacionada à normatização de gênero, imposta no sistema moderno colonial que estabeleceu diferenciações do que é característico das mulheres e do que é característico dos homens. Como resultado final, o artigo destaca que Bolaño e Almada usam estratégias estéticas diferenciadas para representar esses crimes. O primeiro faz descrições pormenorizadas da violência sofrida pelas mexicanas; a segunda, por meio de um texto memorialista, resgata a voz das silenciadas e reconhece que houve negligência e menosprezo pelos casos de feminicídios argentinos.

Na continuidade, em *CONCEIÇÃO EVARISTO E SUA ESCRITA PARA (IN)FORMAÇÃO DE LEITORES(AS)*, **Elisabeth Silva de Almeida Amorim** propõe uma prática de leitura decolonial tendo como modelo de escrita de resistência a obra *Olhos d'água* (2016), de Conceição Evaristo. Além da formação do leitor literário, essa abordagem destaca a importância da conscientização do mesmo sobre questões étnico-raciais, especificamente da mulher negra invisibilizada pelo padrão de beleza branca. Além do pensamento feminista negro, o artigo explora abordagens de leitura que valorizam o protagonismo negro na luta contra o preconceito racial.

No artigo *O NARRADOR E OS PERSONAGENS VAGALUMES DE MARIA VALÉRIA REZENDE*, **Adriana Aleixo Neto** traz comentários sobre a importância da personagem narradora de *O voo da guará vermelha* (2014) e *Outros cantos* (2016), de Maria Valéria Rezende. O artigo identifica estratégias narrativas que valorizam o diálogo entre literatura e problemas contemporâneos ao destacar a trajetória de protagonistas que colhem esperança em suas trajetórias de lutas sociais. Nas duas obras as personagens resistem e passam a ter novas perspectivas quando encontram esperança no outro. A autora explora ideias de resistência propostas por Deleuze e Guattari e Didi-Huberman.

O Conselho Editorial destaca mais um volume voltado para divulgação de pesquisas que buscam dar visibilidade às questões identitárias e étnico-raciais, valorizando sempre o respeito aos Direitos Humanos. Por último, agradecemos aos/às colaboradores/as por acolherem as sugestões dos pareceres e se comprometerem em agilizar o processo de edição desse volume. Agradecemos a todos por divulgarem suas pesquisas e pela gentileza de cederam seus textos para o repositório da **Revista Fórum Identidades**. Boa leitura a todos/as.

Itabaiana, 30 de novembro de 2022.

Referências

GONZALES, Lélia. A Categoria Político-Cultural da Amefricanidade. In.: HOLLANDA, Heloisa Buarque. (Org.). **Pensamento Feminista: Conceitos Fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

GLISSANT, Edouard. **Introdução à uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GROSFUGUEL, Ramón. **A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI**. Revista Sociedade e Estado – Volume 31. Número 1. Janeiro/Abril 2016.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005.